

01. Apesar de me saber um educador petista - aderi ao PT quando ainda me achava na Europa - não gostaria de dar à minha resposta a cor do discurso de quem fala em nome de meus companheiros. Sem pretender, de maneira nenhuma, dar a impressão de ser personalista, prefiro falar um pouco de como penso, convencido de que, substantivamente, me coloco no horizonte de aspirações do P.T. Por outro lado, não gostaria, tampouco, de fazer paralelos, eu mesmo, entre o que penso e o que faço, como educador petista, e <sup>e</sup> que pensam e fazem educadoras e educadores de outros partidos. Falarei de alguns pontos, que me parecem fundamentais à política educativa de um Partido que, sendo popular, não é populista, que sendo revolucionário, não é autoritário, que sendo democrata, não é democraçista, que sendo educador, se reconhece educando dos movimentos sociais populares. A educação que um partido assim precisa de pôr em prática e aperfeiçoar é tão política e se acha tão "grávida" de ideologia quanto a que qualquer partido conservador planeja e executa.

A natureza da prática educativa, a sua necessária diretividade, os objetivos, os sonhos que se perseguem na prática não permitem que ela seja neutra, mas política sempre. É a isto que eu chamo de politicidade da educação, isto é, a qualidade que tem a educação de ser política. A questão que se coloca é saber que política é esta, a favor de que e de quem, contra que e contra quem se realiza. É por isso que podemos afirmar, sem medo de errar que, se a política educacional de um partido progressista e sua prática educacional forem iguais às de um partido conservador um dos dois está radicalmente errado. Daí a imperiosa ne-

cessidade que temos educadoras e educadores progressistas de ser coerentes, de diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Não que esteja pensando que os educadores e as educadoras progressistas viremos anjos ou nos santifiquemos na busca da absoluta coerência que, em primeiro lugar, faria da vida uma experiência sem cheiro, sem cor, sem gosto e, em segundo lugar, não nos permitiria sequer saber que éramos coerentes, pois que não haveria a incoerência para nos ensinar.

Mas, o que é preciso é esta procura constante, crítica, para compatibilizar o dito com o feito. Redizer o dito quando o que fazer exija. O que não é possível, para mim, é falar no respeito pelas bases populares, mas, ao mesmo tempo, considerar que elas não têm suficiente maioria para dirigir-se; é falar de uma escola democrática e manietar as professoras, em nome de sua pouca competência, com "pacotes" "emprenhados" por nossa sabedoria. O que não é possível é negar a prática em nome de uma teoria que, assim, deixa de ser teoria para ser verbalismo ou intelectualismo ou negar a teoria em nome de uma prática que, assim, se arrisca a perder-se em torno de si mesma. Nem elitismo teorizista nem basismo praticista, mas a unidade teoria e prática.

Vejamos outro ponto importante no rol destas considerações. Se há algo em que o educador progressista sério se identifica com um educador conservador, igualmente sério, é que ambos têm que ensinar. Por isso mesmo ambos têm que saber o que ensinam. Mas, ao nos determos sobre isto que os identifica, isto é, o ato de ensinar um certo conteúdo, imediatamente percebemos que, a partir do que os identifica, começam a distinguir-se. Não quero dizer

que 4 X 4 são 16 para um professor progressista e 14 para um professor conservador. O que quero dizer é que a própria compreensão do que é ensinar, do que é aprender e do que é conhecer tem conotações, metodos e fins - diferentes para um e para outro. Como também o tratamento dos objetos a ser ensinados e a ser apreendidos para poder ser aprendidos pelos alunos, quer dizer, os conteúdos programáticos.

Para o educador progressista coerente, o necessário ensino dos conteúdos estará sempre associado a uma "leitura crítica" da realidade. Ensina-se a pensar certo através do ensino dos conteúdos. Nem o ensino dos conteúdos em si, ou quase em si, como se o contexto escolar em que são tratados pudesse ser reduzido a um espaço neutro em que os conflitos sociais não se manifestassem, nem o exercício do "pensar certo" desligado do ensino dos conteúdos.

É esta relação dinâmica, processual, que pretendo estimular nas escolas municipais. Mais ainda, para um educador progressista coerente não é possível minimizar, desprezar, o "saber de experiência feito" que os educados trazem para a escola. A sabedoria desta está em fazer compreensível que a ruptura que o saber mais exato, de natureza científica, estabelece, em face daquele saber, não significa que ele seja desprezível. Pelo contrário, é a partir dele que se alcança o mais exato.

Alongando um pouco mais estas considerações talvez pudesse dizer que, enquanto numa prática educativa conservadora competente se busca, ao ensinar os conteúdos, ocultar a razão de ser de um sem número de problemas sociais, numa prática educativa pro-

gressista, competente também, se procura, ao ensinar os conteúdos, desocultar a razão de ser daqueles problemas.

A primeira procura acomodar, adaptar os educandos ao mundo dado; a segunda, inquietar os educandos, desafiando-os para que percebam que o mundo dado é um mundo dando-se e que, por isso mesmo, pode ser mudado, transformado reinventado.

Devo concluir esta questão dizendo que os educadores progressistas sabem muito bem que a educação não é a alavanca da transformação da sociedade mas sabem também o papel que ela tem neste processo. A eficácia da educação está em seus limites. Se ela tudo pudesse ou se ela pudesse nada não haveria por que falar de seus limites. Falamos deles precisamente porque, não podendo tudo, pode alguma coisa. A nós, educadores e educadoras de uma administração progressista, nos cabe ver o que podemos fazer para competentemente realizar.

02. Creio que seria interessante começar a responder a essa questão fazendo referência ao documento oficial que foi publicado após uma Conferência Internacional patrocinada pela UNESCO, em 1975, realizada em Persépolis, de que participei e que se chama Carta de Persépolis. Um dos objetivos principais se não o principal da reunião era a avaliação das campanhas de alfabetização realizadas em diferentes áreas do mundo. O texto sublinha a relação entre o êxito maior ~~ou~~ menor das chamadas campanhas de alfabetização de adultos e o processo de transformação social e política, verificando-se ou não, nas sociedades em que as campanhas se dão.

O problema me parece óbvio. Uma coisa é fazer uma campanha de

alfabetização numa sociedade em que as classes sociais populares começam a tomar sua história nas mãos, com entusiasmo, com esperança, a outra é fazer campanhas de alfabetização em sociedades em que as classes populares se acham distantes da possibilidade de exercer uma participação maior na refeitura de sua sociedade.

Em 1964 o Brasil não havia feito revolução nenhuma, é verdade. Vivíamos <sup>3</sup>experiência populista do governo Goulart. Mas vivíamos um momento também de profunda inquietação, de curiosidade, de presença popular nas ruas, nas praças. O modelo populista vivia sua ambigüidade fundamental. De um lado, estimulando a presença das classes populares, mesmo manipuladas, sem as quais não existiria, de outro, correndo o risco de desaparecer, ou porque a esquerda, através delas, se viabilizasse, ou porque a direita, por causa delas, acabasse a festa. Foi isso o que se deu. Mas, o importante é considerar que, naquele pequeno período, havia uma vontade popular mais prá rebelde que prá revolucionária, muito mais prá rebelde e uma curiosidade que deram bases para os planos que coordenamos a partir do ministério em Brasília.

Hoje, depois de tantos anos, a coisa é diferente, mesmo reconhecendo o que representa de esperança a vitória do P.T. em grande número de cidades brasileiras. ~~me~~ parece que não deveríamos trabalhar em termos de campanhas, cuja significação mais profunda sugere algo emergencial, mas atacar o problema sem dar a ele este caráter. Por outro lado, na medida mesma em que, aqui e ali, enfrentamos o problema, é necessário que, desde o princípio, procuremos ir mais além da alfabetização, construindo com os próprios educandos populares alternativas no campo da educação po

pular.

Vamos, já em março, com a assessoria de dois competentes educadores, Pedro Pontual e Nereide Saviani, iniciar uma série de encontros com grupos populares envolvidos em projetor de alfabetização de adultos. Nossa intenção é estender nossos encontros também aos alfabetizandos, com quem pretendemos dialogar em torno da possibilidade de realização, no ano internacional da alfabetização que a UNESCO patrocina, de um primeiro congresso de alfabetizandos. É preciso que eles digam sua palavra aos educadores. De modo geral, nos congressos sobre alfabetização de adultos os especialistas falam sobre os alfabetizandos. Vamos inverter o quadro.

Entreguei a Pedro Pontual e a Nereide Saviani a responsabilidade de pôr em prática este projeto.

Dentro do espírito de sua pergunta há ainda algo a dizer.

No momento, uma equipe inter secretarial - Secretaria<sup>da</sup> Cultura, Secretaria<sup>da</sup> Educação, Secretaria<sup>da</sup> Saúde, Secretaria<sup>da</sup> Habitação, Secretaria<sup>de</sup> Bem Estar Social, Secretaria<sup>dos</sup> Esportes - trabalha em relação direta com movimentos sociais na elaboração de projetos de Educação Popular.

O ponto de partida de um desses projetos é uma pesquisa participante que nos dará uma espécie de repertório dos anseios, dos sonhos, dos desejos da população da área <sup>em</sup> que a pesquisa se fará. Uma das vantagens de um trabalho assim está em que a própria metodologia da pesquisa a faz pedagógica e conscientizante. Talvez tão importante ou até mais do que esse caráter referido da pesquisa é o esforço, é a decisão política de as Secretarias

trabalharem juntas.

Apostamos nisto.

03. O orçamento programa aprovado em 1988, em execução neste ano, prevê aplicar 27,1% das receitas tributárias em despesas voltadas para o Ensino. Entretanto, deste percentual, 4,6% são despesas com programas suplementares de alimentação e saúde, as quais a nova constituição determina que sejam financiados com outros recursos orçamentários e 1,7% são despesas de Secretaria do Bem Estar Social com creches, centros de juventude e unidades de atendimento ao menor, que têm caráter mais assistencial que educativo. Excluídas estas despesas, apenas 20,8% das receitas tributárias são realmente destinadas para o Ensino. Vale lembrar que essas receitas são apenas 51,5% da receita total orçada (35% seriam provenientes de empréstimos).

04. Tenho falado muito, desde antes mesmo de assumir a Secretaria de Educação Municipal no nosso sério empenho de mudar a cara de nossa escola, incluindo as Escolas de Educação Infantil. Pretendemos na verdade e, para isso,, já começamos a trabalhar desde os primeiros dias de nossa gestão, ir transformando às escolas em centros de criatividade, em que se ensine e se aprenda com alegria. Não pretendo dizer, ao fazer esta afirmação, que não haja escolas na Rede Municipal, hoje, em que as crianças não se sintam bem. O que é preciso, porém, é generalizar este clima que, por sua vez, para ser criado e mantido, demanda a confluência de um sem número de fatores.

Condições materiais condignas - salários decentes, as escolas conservadas, reparadas em tempo, agilização das medidas burocráticas indispensáveis ao bom funcionamento das escolas. Respei-

to aos educadores, aos educandos, a todos.

Como, porém, revelar respeito às crianças, aos educadores e às educadoras, à direção da escola, às merendeiras, aos zeladores, aos pais, às mães, à comunidade local, se as escolas vão se deteriorando dia a dia, ameaçando a saúde, a paz de todos, apesar da insistência com que as diretoras solicitam durante meses o indispensável reparo da escola?.

Como ensinar e aprender com alegria numa escola cheia de poças d'água com a fiação ameaçadoramente desnuda, com a fossa entupida, inventando enjôo e náusea?

Este é um problema sério com que nos defrontamos agora em face das 50 ou mais escolas que encontramos em estado deplorável. Os mecanismos burocráticos que aí estão, o sem número de papéis - um tomando conta do outro - a morosidade com que andam de um setor ao outro, tudo contribui para obstaculizar o trabalho sério que fazemos. A uma administração como a do P.T. se impõe uma transformação radical da máquina burocrática. A que está aí pode até prejudicar também uma administração conservadora. A uma administração progressista como nos incumbe fazer esta burocracia perversa aniquila e emudece. E nós não vamos permitir que isto ocorra.

Uma das formas talvez de começar a fazer a transformação de que falei é a criação do que uma de minhas assessoras chama de "frente de trabalho" para executar uma determinada tarefa de forma rápida e correta. Estamos fazendo isto agora com relação a "n" projetos e criaremos na próxima semana uma destas frentes para enfrentar a questão do reparo das escolas que vai exigir

bem mais dinheiro do que já conseguimos. Frente composta por pessoal de, no mínimo, três Secretarias - a de Educação, a de Obras e a de Finanças.

Como você vê, não podemos falar das metas educativas sem nos referirmos às condições materiais das escolas. É que elas não são apenas "espírito", mas "corpo" também. A prática educativa cuja política nos cabe traçar, democraticamente, se dá na concretude da escola, por sua vez situada e datada e não na cabeça das pessoas.

Em última análise, precisamos demonstrar que respeitamos as crianças, suas professoras, sua escola, seus pais, sua comunidade; que respeitamos a coisa pública, tratando-a com decência. Só assim podemos cobrar de todos o respeito também às carteiras escolares, às paredes da escola, às suas portas. Só assim podemos falar de princípios, de valores. O ético está muito ligado ao estético. Não podemos falar aos alunos da boniteza do processo de conhecer se sua sala de aula está invadida de água, se o vento frio entra decidido e malvado sala a dentro e corta seus corpos pouco abrigados. Neste sentido é que reparar rapidamente as escolas é já mudar um pouco sua cara, não só do ponto de vista material mas, sobretudo, de sua "alma". Precisamos deixar claro que acreditamos em quem e respeitamos quem se acha nas bases. Reparar, com rapidez, as escolas é um ato político que precisa de ser vivido com consciência e eficácia.

Mudar a cara da escola implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, mães, diretoras de escolas, delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade científica, zeladores, merendeiras, etc. Não se muda a cara da escola por

um ato de vontade do secretário.

Para concluir, diria que nos engajamos na luta por uma escola competente, democrática, séria e alegre.

05. Em primeiro lugar, gostaria de recusar o conceito de evasão. As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola, não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal, expulse estes ou aqueles alunos ou os reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegar à escola mas também, quando chegam, nela ficar e nela fazer o percurso a que têm direito.

Há razões, portanto, internas e externas à escola, que explicam a "expulsão" e a reprovação dos meninos populares.

Atacaremos, ao nível da SME, sobretudo, as internas, perseguindo: o uso bem feito do tempo escolar - tempo para a aquisição de conhecimento, a formação permanente dos educadores, o estímulo a uma prática educativa crítica, provocadora da curiosidade, da pergunta, do risco intelectual.

Neste aspecto, como em tudo o que tem que ver com a prática escolar, espero ouvir de diretoras, professoras, de supervisoras, de coordenadoras pedagógicas suas sugestões no sentido de minimizarmos as negatividades da escola que contribuem para a "expulsão" dos alunos. Já agora em março, 15 dias depois de reabertas as aulas, começarei, primeiro, a visitar escolas em duas manhãs por semana, não como quem quer, com certo gosto "inspecionista",

flagrar professoras ou servidores faltosos, mas como quem se sente no dever, enquanto secretário, de colaborar com os que lutam nas bases. Segundo, a me encontrar em caráter sistemático, tão assiduamente quanto possível, com delegados de ensino, com professoras, com diretoras, com supervisoras, com merendeiras, com zeladores.

Os temas da expulsão e da reprovação serão tratados sempre em busca de soluções ou encaminhamentos realistas e eficazes.

Mais uma vez, não acreditamos que sozinhos, no Gabinete, por mais competentes que sejamos, possamos fazer tudo.

06. Respodendo a uma pergunta anterior, falei do empenho em que nos achamos de mudar a cara da escola. Mudar a cara da escola que, no nosso caso, é nos darmos ao esforço de fazer uma escola popular, necessariamente passa pela mudança curricular. Ninguém, contudo, numa perspectiva democrática, muda o currículo das escolas de uma segunda para a terça feira. Feita autoritariamente, de cima para baixo, a partir da vontade de especialistas iluminados, a transformação curricular, além de constituir uma contradição ~~inaceitável~~ do ponto de vista de uma administração petista, não tem eficácia.

Duas coisas fundamentais acho que posso dizer agora.

A primeira é que, em linhas gerais - e agora tenho de me repetir - sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vire sissuda. A seriedade não precisa de ser pesada. Quanto mais leve é a seriedade mais eficaz e convincente é ela.

Sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas, dedicada séria e competentemente ao

ensino, seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar, de aprender, de conhecer não transforma este que — fazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar - aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. É por isso que na resposta anterior falava de que o reparo das escolas, urgentemente feito, já será um pouco mudar a cara da escola, do ponto de vista também de sua "alma".

Sonhamos com uma escola realmente popular, que atenda, por isso mesmo, aos interesses das crianças populares e que, tão rapidamente quanto possível, irá diminuindo as razões em seu seio para a "expulsão" das crianças do povo.

A segunda coisa que posso dizer agora é que, durante todo o mês de janeiro e o de fevereiro, trabalhamos na Secretaria com equipes de especialistas, físicos, matemáticos, biólogos, psicólogos, sociólogos e cientistas políticos, linguistas, e literatos, filósofos, arte-educadores, juristas e especialistas em sexualidade. Analisamos diferentes momentos da prática educativa - a questão gnosiológica, a política, a cultural, a linguística, a estética, a ética, a filosófica, a ideológica, em "n" reuniões com estes especialistas, professores da U.S.P., da PUC/SP e da UNICAMP que vêm dando sua contribuição sem ônus para a Secretaria.

No dia 27 deste mês teremos a primeira reunião plenária interdisciplinar em que avaliaremos os trabalhos até agora realiza -

dos e discutiremos a participação destes cientistas na etapa que agora se iniciará - a em que começaremos o nosso diálogo no centro das escolas e nas áreas populares em que elas se situam.

O Seminário com alunos da 5ª série que deveremos ter ainda em março faz parte deste processo. Assim como o que realizaremos na zona leste, ouvindo representantes de movimentos populares. A estes se seguirão encontros especiais com diretoras de escolas, professoras, coordenadoras, etc.

Nossa intenção é possibilitar um diálogo entre grupos populares e educadores, entre grupos populares, educadores da Rede e os cientistas que nos assessoram.

No momento é o que lhe posso dizer em torno de sua pergunta.

07. Todos nós sabemos como a formação do educador ou da educadora vem sendo descuidada entre nós.

Uma das preocupações centrais de nossa administração não poderia deixar de ser a da formação permanente da educadora. Não se pode pensar em mudar a cara da escola, não se pode pensar em ajudar a escola a ir ficando séria, rigorosa, competente e alegre sem pensar na formação permanente da educadora.

Para nós a formação permanente das educadoras se fará, tanto quanto possamos, através, preponderantemente, da reflexão sobre a prática.

Quando nos seja possível, e espero que não demoraremos em iniciar o processo, juntaremos, por exemplo, professoras que trabalham em alfabetização de crianças com especialistas competentes. O diálogo se dará em torno da prática das professoras. Falarão de seus problemas de suas dificuldades e, na reflexão real

lizada sobre a prática de que falamos, emergirá a teoria que ilumina a prática.

A reflexão sobre a prática será o ponto central, mas não esgota o esforço formador. Outras atividades serão programadas. Nesta semana que começa, estarei criando mais uma frente de trabalho para comigo programar o processo de formação.

10. Tenho. Obviamente minha quotidianidade mudou. Antes vivia mansamente entre meu quarto de dormir, minha biblioteca, minhas atividades acadêmicas, minha família. De vez em quando, um Congresso internacional, uma conferência. Entrevistas a revistas ou jornais estrangeiros. Viagens dentro do Brasil.

Agora o ritmo é outro. Os desafios são outros.

As dificuldades são muitas. Nada, porém, me desanima, me faz arrepender-me de ter aceito o convite da Prefeita. É um prazer para mim assumir o dever de fazer o mínimo que possa fazer ao lado de uma equipe excelente, competente e incansável.

Aprendi muito neste primeiro pedaço de experiência, dois meses de secretaria, lidando com uma burocracia malvada e ameaçadora.

Vale a pena!

11. Não decepcionar um bom número de gente daqui e <sup>de</sup> fora que confia em mim.

12. Claro que já mudou. Nós somos realmente democratas. Queremos bem a liberdade.

PAULO FREIRE

26.02.89